

Palavras

Número 25 | Primavera de 2004 Associação de Professores de Português

Entrevista a Maria José Ferraz

O trabalho na escola, entre o prazer e o enfado

A leitura e a escrita na escola básica

Textos de divulgação científica em sala de aula

Estatuto e funções do conhecimento gramatical

Gramática e Matemática

A literatura na escola e a construção do leitor cosmopolita

Depois do *show*, como encontrar encantamento?

Resolver problemas de Matemática

Escrever para encontrar a solução de um problema

100 palavras para falar de livros

Cartoon, de Luís Afonso

Director
João Pedro Aido

Editores
Ana de Sousa
Edviges Antunes Ferreira
Maria Vitória de Sousa
Paulo Feytor Pinto

Secretariado
Telma Teixeira

Colaboram neste número
Anabela Cristina Ferreira
Carlos Veloso
Isabel Maria Gonçalves
João Wanderley Geraldi
Luís Afonso
Luísa Álvares Pereira
Maria de Lourdes Dionísio
Maria José Ferraz
Mariana Oliveira Pinto
Maria Vitória de Sousa
Pedro Cruz Almeida
Renira Lisboa de Moura Lima
Rui Canário

Revisão
João Pedro Aido
Paulo Feytor Pinto

Capa
Ricardo Santos
Design Gráfico
Albano Serralheiro
João Fazenda
Ilustrações
Ricardo Santos
Produção
Galo IT
Impressão
Grafis, CRL
Distribuição
APP

Direcção, Edição, Administração e Assinaturas
Associação de Professores de Português
B.º da Liberdade, 7 - R/C - 9
1070-023 Lisboa
Tel.: (+351) 213.861.766/8
Fax: (+351) 213.861.819
www.app.pt
apropport@app.pt

Preço para número avulso: 7,5
Distribuído gratuitamente aos sócios da APP
Assinatura anual (2 números): 7,5
Tiragem: 2.000 exemplares
Depósito legal: 110379/97
Registo ICS: 111763 - ISSN: 0870-7499

Apoios
DEB / Inovação - Ministério da Educação (SIQE, medida 4)
Ministério da Cultura

Publicação impressa em papel reciclado



INSTITUTO PORTUGUÊS DO
LIVRO E DAS BIBLIOTECAS



MINISTÉRIO DA CULTURA

Sumário

Editorial

- | | | |
|---------------------------------------|-----------------|---|
| ▶ Há um texto (literário) nesta aula? | João Pedro Aido | 5 |
|---------------------------------------|-----------------|---|

Entrevista

- | | | |
|--|--|---|
| ▶ Um mau programa não torna mau um bom professor | João Pedro Aido entrevista Maria José Ferraz | 7 |
|--|--|---|

Pedagogia / Didáctica

- | | | |
|---|-----------------------------|----|
| ▶ O trabalho na escola: entre o prazer e o enfado | Rui Canário | 17 |
| ▶ O trabalho com a leitura e a escrita na escola básica - entre os (meros) exercícios escolares e uma autêntica formação de leitores e produtores de textos | Luísa Álvares Pereira | 25 |
| ▶ Aproveitamento de textos de divulgação científica em sala de aula | Renira Lisboa de Moura Lima | 37 |

Estudos Linguísticos

- | | | |
|---|------------------------|----|
| ▶ Estatuto e funções do conhecimento gramatical escolar | Mariana Oliveira Pinto | 45 |
| ▶ Gramática e Matemática | Pedro Cruz Almeida | 61 |

Estudos Literários

- | | | |
|--|---------------------------|----|
| ▶ Literatura e escolarização. A construção do leitor cosmopolita | Maria de Lourdes Dionísio | 67 |
| ▶ Depois do <i>show</i> , como encontrar encantamento? | João Wanderley Geraldi | 75 |

Fichas Pedagógicas

- | | | |
|---|---|----|
| ▶ Saber ler e escrever... para resolver problemas de Matemática | Isabel Maria Gonçalves e Maria Vitória de Sousa | 85 |
|---|---|----|

Destques

- | | | |
|--|--|-----|
| ▶ Lugares Virtuais, João Pedro Aido | | 99 |
| ▶ Destaques Bibliográficos, Anabela Cristina Ferreira, Carlos Veloso e Renira Lima | | 103 |
| ▶ 100 palavras para falar de livros, Maria Vitória de Sousa | | 111 |
| ▶ <i>Cartoon</i> , Luís Afonso | | 113 |

Literatura e escolarização.

A construção do leitor cosmopolita**

Maria de Lourdes Dionísio*

1. Formação de leitores - por detrás do consenso

De entre os múltiplos objectivos que se podem afirmar para a presença da literatura no currículo escolar, especificamente no âmbito da área do Português, o da formação de leitores será, sem dúvida, um daqueles que mais tem perdurado e que mais tem conseguido gerar consenso. Consenso, só possível, no entanto, à custa do cancelamento de pelo menos algumas das múltiplas e complexas variáveis que participam na ideia de leitura e do leitor que se visa formar; ideia que, em algum momento, concretamente o da sua fixação em programa curricular, vem ao de cima quando se decide a inclusão ou a exclusão de determinados textos, conteúdos e metodologias para o seu ensino. Serve isto para dizer que "formar leitores", designadamente na escola, é um objectivo cuja concretização varia - nos textos tidos como legítimos, nos factos linguísticos e textuais apresentados como conteúdos a serem transmitidos e adquiridos, nas práticas escolares sugeridas como mais adequadas - na medida em que varia o entendimento do que é a leitura, do que é um leitor. Em grande medida, as formas que toma a escolarização da leitura variam em função do ideal de leitor que, em cada momento históri-

co e social, se quer formar: ora indivíduos capazes de ler rápida, fluente e eficazmente, e de assim serem capazes de responder às demandas sociais e encaixarem-se nos nichos existentes do mercado de trabalho; ora indivíduos "flexíveis" - *portfolio people*, chama-lhes James Paul Gee, 2000a: 61-62 - que, também, lendo rápida, fluente e eficazmente, sabem adequar as suas práticas às diferentes situações em que se envolvem comunicativamente e, assim, aos fins que definem para a sua leitura - ou que para ela lhes são definidos; ora, ainda, indivíduos de quem se espera o consumo do que vem do mercado (incluindo o cultural), a reprodução do senso comum, a assimilação de atitudes e comportamentos; em qualquer dos casos, o que se perspectiva são indivíduos cujas práticas de leitura nada ou pouco têm a ver com o questionamento das evidências, o combater da simplificação e superficialização da realidade por meio dos discursos que a representam, com o exercício do poder sobre a linguagem como um mecanismo significativo para pensar a experiência e compreender alguns dos modos pelos quais o mundo opera (cf. Silva, 1998: 34); a estes horizontes pode contrapor-se um outro, aquele em que se deslumbram indivíduos capazes de, pela leitura, "construir uma perspectiva pessoal e crítica sobre todos

* Universidade do Minho.

** Este texto, versão traduzida e reformulada do texto apresentado, a convite da APP, na 4th International Conference da International Association for the Improvement of Mother Tongue Education (IAIMTE), que teve lugar em Lisboa, em Julho de 2003, foi produzido no âmbito do Projecto *Literacias. Contextos, práticas, discursos*, financiado pela FCT e em curso no Centro de Investigação em Educação, do Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho. Devo exprimir também, aqui, os meus agradecimentos ao Rui Vieira de Castro pela sua leitura atenta, analítica e crítica.



os assuntos que nos rodeiam, na vida, na escola, no trabalho, perspectiva que ajuda a compreender, comentar e, em última instância, a controlar a direcção das nossas trajectórias de vida, tal como as dos mundos futuros" (Green, P., 2001: 12).

2. Os projectos sociais e políticos para a formação do leitor

Hoje, as sociedades ocidentais assentam em economias complexas, com um grande número dos seus cidadãos envolvidos na gestão e movimentação de um capital imaginário e de bens simbólicos, onde a palavra escrita assume uma função quase nuclear. É precisamente no quadro destas actuais economias, globalizadas e multimediadas, centradas na produção, difusão e reconhecimento de informação, caracterizadas por uma cada vez maior centralidade do escrito no trabalho e no lazer, onde o acesso a e o consumo de informação são factor decisivo do posicionamento dos sujeitos na estrutura social, que faz sentido interpelar as finalidades da formação de leitores. Esta interpelação permitirá perceber, por meio das dimensões do acto de ler que são enfatizadas, qual o projecto social que subjaz, por exemplo, às campanhas de promoção de leitura ou às reorganizações dos currículos oficiais. Projecto que pode apenas visar o adestramento dos indivíduos para fazerem coisas com as palavras, de forma rápida, fluente e eficaz, ou, pelo contrário, capacitá-los para se tornarem questionadores das realidades à sua volta, participantes activos na mudança social, compreendendo a sociedade e a cultura em que vivem e o papel que podem desempenhar na sua construção e mudança; ou ainda, pelo meio, um outro projecto que pode visar, para além da capa-

citação dos indivíduos como utentes de bens e serviços, apenas o seu posicionamento como consumidores globais, por exemplo, da indústria da informação e do entretenimento, onde ganha relevo a indústria dos livros¹. Nesta última perspectiva, que frequentemente entrecruza o primeiro dos projectos antes referidos, trata-se de tornar os indivíduos em bons consumidores dos bens que, entretanto, ajudaram a produzir (cf. Gee, 2000a), num universo em que "o convite à reprodução de atitudes parece ser o único apelo de ação" (Osakabe, 1995: 21).

As formas escolares que cada um destes projectos tenderá a assumir, dependerão, assim, da ênfase colocada nas dimensões constitutivas das práticas de leitura: ou estritamente operativas ou culturais ou críticas.

Se o projecto político e social, relativamente ao leitor, for, assim, o de o conceber como alguém que, para além de ser capaz de responder às representações das exigências instrumentais do mercado de trabalho ou, mais genericamente, a traços datados da vida social (cf. Freebody & Luke, 2002), seja, junto com isso, um bom consumidor da palavra escrita, então, tal como Jerome C. Harste (2001) coloca a questão, a capacidade para compreender palavras e parafrasear textos, de forma rápida, fluente e eficaz, pode ser suficiente. De certa forma, neste quadro, aquilo que se exige às pessoas acaba por ser um envolvimento acríptico no fluxo de dados, informação e imagens que caracteriza determinadas economias (as actuais) e não necessariamente, como às vezes se acredita e espera, a sua capacitação para poderem "elaborar e reelaborar um conhecimento do mundo que permita [...] a crítica da própria sociedade em que

¹ A este propósito, veja-se Lankshear & Knobel (1998) que afirmam que nestas circunstâncias se visa reduzir as pessoas a meros consumidores de histórias. No mesmo sentido, Britto (2003), discutindo a submissão das práticas de leitura "à vontade das empresas de produção de texto e informação", afirma que esta orientação faz com que, em algumas campanhas para a sua promoção, a leitura seja apresentada como "narcótico" (pp. 86 e sgs.).



história e o poder acrescentam significado, tornando-se os textos, por isso, construtos histórico-sociais complexos. Esta dimensão crítica envolvida nos eventos de leitura implica, desta forma, a consciência dos papéis, estatutos e posições constitutivos das pessoas, enquanto produtores de texto e leitores:

"Será leitor aquele indivíduo que, além da alfabetização e de um domínio pragmático do código escrito, manipule com relativa frequência, por razões de sua inserção social, os valores, sistemas de referência e processos de significação autorizados pelo discurso da escrita" (Britto, *op. cit.*, p. 90).

Para usufruir deste estatuto e assumir plenamente tal função, o indivíduo necessita de manter um repertório vasto e flexível de práticas, desempenhar papéis diversificados e activar recursos que dêem expressão às dimensões operativas, culturais e críticas, actuando: i) como "decodificador", pela mobilização dos recursos necessários para "abrir" o código dos textos escritos, reconhecendo e usando traços e estruturas convencionais da sua organização; ii) como "participante textual", participando na construção de sentidos, tendo em consideração, por relação com as suas experiências e conhecimentos sobre outros discursos, textos e sistemas de significação, os sistemas de sentido específicos de cada texto; iii) como "utente de textos", usando-os pragmaticamente, negociando as relações sociais que neles se concretizam, sabendo sobre eles e agindo nas diferentes funções sociais e culturais que eles desempenham na sociedade (por exemplo, na

escola) e compreendendo que estas funções "afectam" o modo como os textos são estruturados, o seu grau de formalidade e a organização dos seus elementos constitutivos; tratar-se-á, neste "uso dos textos", de os relacionar com os seus contextos e saber como, o quê e para quê ler em determinadas situações; iv) como "analista e crítico"², explorando e criticando os textos, agindo com o conhecimento de que os textos não são janelas transparentes sobre o mundo, que não são ideologicamente naturais ou neutras, que dão voz a determinadas perspectivas enquanto silenciam outras, que influenciam as ideias das pessoas e que as suas configurações e sentidos podem ser criticados e redesenhados de modos diferentes e pessoais (Vasquez, 2003: 15); o leitor, enquanto analista, interpela os textos sobre os mundos aí representados, "*analisa e examina* as evidências apresentadas, e, à luz dessa análise, julga-as criteriosamente para chegar a um *posicionamento* diante dos mesmos [...] Além da sensibilidade e da capacidade de julgamento, o leitor crítico não se descuida de, em frente dos textos, *refletir e transformar* as ideias por ele produzidas" (Silva, 1998: 28); num certo sentido, o leitor, no exercício deste papel, é, como postula Gee (2000b), um analista de discurso que deve possuir e a quem devem ser facultados, por meio de instrução, os instrumentos necessários para essa análise.

3. Os textos para um leitor cosmopolita

Assumir este projecto social para a formação

² É no contexto de desenvolvimento daquilo que intitulam como "Four resources model" (reelaboração de um primeiro "Four roles model") que Peter Freebody (1992) com Allan Luke (1999; 2003) identificam e caracterizam quatro papéis, ultimamente perspectivados como "famílias de práticas", que os participantes levam a cabo em eventos de leitura e, mais genericamente, de literacia: "code breaker", "text participant", "text user" and "text analyst". A assunção básica deste modelo é que a leitura nas actuais sociedades letradas requer dos indivíduos um repertório de práticas vasto e flexível, só ele susceptível de fazer frente à complexidade e hibridismo que a palavra escrita hoje assume em grande parte das sociedades ocidentais.

